

A Mensagem de Silo

Título original: *El Mensaje de Silo*

© Silo. Segunda recompilação, 2007

Nota dos editores

A Mensagem lançada por Silo em julho de 2002 consta de três partes: o Livro, a Experiência e o Caminho. O Livro é conhecido já faz tempo como *O Olhar Interior*. A Experiência está proposta através de oito cerimônias. O Caminho é um conjunto de reflexões e sugestões. Esta recompilação contém a Mensagem completa. Circula impressa e através de redes informáticas.

O Livro

I. A Meditação

1. Aqui se conta como se converte o sem-sentido da vida em sentido e plenitude.
2. Aqui há alegria, amor ao corpo, à natureza, à humanidade e ao espírito.
3. Aqui se renegam os sacrifícios, o sentimento de culpa e as ameaças do pós-túmulo.
4. Aqui não se opõe o terreno ao eterno.
5. Aqui se fala da revelação interior à qual chega todo aquele que cuidadosamente medita em humilde busca.

II. Disposição para Compreender

1. Sei como te sentes, porque posso experimentar teu estado, mas tu não sabes como se experimenta o que digo. Por conseguinte, se te falo com desinteresse daquilo que faz o ser humano feliz e livre, vale a pena que tentes compreender.
2. Não penses que vais compreender discutindo comigo. Se acreditas que, contrariando isso, teu entendimento aclara-se, podes fazê-lo, mas não é esse o caminho que corresponde a esse caso.
3. Se me perguntas qual é a atitude que convém, dir-te-ei que é a de meditar em profundidade e sem pressa no que te explico aqui.
4. Se replicas que tens coisas mais urgentes com que te ocupar, responderei que sendo teu desejo dormir ou morrer, nada farei para me opor.
5. Não argumentes tampouco que te desagrada meu modo de apresentar as coisas, porque não falas isso da casca quando te agrada o fruto.
6. Exponho do modo que me parece conveniente, não do que seria desejável para aqueles que aspiram a coisas afastadas da verdade interior.

III. O Sem-sentido

Em muitos dias, descobri este grande paradoxo: aqueles que levaram o fracasso em seu coração puderam vislumbrar o último triunfo, aqueles que se sentiram triunfadores ficaram no caminho como vegetais de vida difusa e apagada.

Em muitos dias, cheguei eu à luz, vindo das mais obscuras trevas, guiado não por ensinamento, mas por meditação.

Assim me disse ao primeiro dia:

1. Não há sentido na vida, se tudo termina com a morte.
2. Toda justificação das ações, sejam essas depreciáveis ou excelentes, é sempre um novo sonho que deixa o vazio adiante.
3. Deus é algo incerto.
4. A fé é algo tão variável quanto a razão e o sonho.
5. “O que se deve fazer” pode-se discutir totalmente e nada virá apoiar definitivamente as explicações.
6. A “responsabilidade” daquele que se compromete com algo não é maior que a responsabilidade daquele que não se compromete.
7. Movo-me segundo meus interesses e isso não me converte em covarde, mas tampouco em herói.
8. “Meus interesses” não justificam nem desacreditam nada.
9. “Minhas razões” não são melhores nem piores que as razões dos outros.
10. A crueldade me horroriza, mas nem por isso em si mesma é pior ou melhor que a bondade.
11. O dito hoje, por mim ou por outros, não vale amanhã.
12. Morrer não é melhor que viver ou não haver nascido, mas tampouco é pior.
13. Descobri – não por ensinamento, mas por experiência e meditação – que não há sentido na vida, se tudo termina com a morte.

IV. A Dependência

O dia segundo:

1. Tudo o que faço, sinto e penso não depende de mim.
2. Sou variável e dependo da ação do meio. Quando quero mudar o meio ou meu “eu”, é o meio que me muda. Então, busco a cidade ou a natureza, a redenção social ou uma nova luta que justifique minha existência... Em cada um desses casos, o meio leva-me a decidir por uma ou outra atitude. Dessa maneira, meus interesses e o meio aqui me deixam.
3. Digo, então, que não importa o quê ou quem decide. Digo nessas ocasiões que tenho que viver, já que estou em situação de viver. Digo tudo isso, mas não há nada que o justifique. Posso me decidir, vacilar ou permanecer. De qualquer maneira, uma coisa é melhor que a outra provisoriamente, mas não há “melhor” nem “pior” em definitivo.

4. Se alguém me diz que aquele que não come morre, eu lhe responderei que é assim, de fato, e que está obrigado a comer acorrentado por suas necessidades, mas não acrescentarei a isso que sua luta por comer justifica sua existência. Tampouco direi que isso seja ruim. Direi, com simplicidade, que se trata de um ato individual ou coletivamente necessário para a subsistência, mas sem sentido no momento em que se perde a última batalha.

5. Direi, além disso, que me solidarizo com a luta do pobre, do explorado e do perseguido. Direi que me sinto “realizado” com tal identificação, mas compreenderei que nada justifico.

V. Suspeita do Sentido

O dia terceiro:

1. Às vezes, tenho me adiantado a fatos que depois vieram a ocorrer.
2. Às vezes, tenho captado um pensamento distante.
3. Às vezes, tenho descrito lugares que nunca visitei.
4. Às vezes, tenho contado com exatidão o sucedido em minha ausência.
5. Às vezes, uma alegria imensa tem-me envolvido.
6. Às vezes, uma compreensão total tem-me invadido.

7. Às vezes, uma comunhão perfeita com tudo me tem extasiado.
8. Às vezes, tenho rompido meus devaneios e visto a realidade de um modo novo.
9. Às vezes, tenho reconhecido, como se visse novamente, algo que via pela primeira vez.

...E tudo isso me tem dado o que pensar. Dou-me conta de que, sem essas experiências, não poderia ter saído do sem-sentido.

VI. Sono e Despertar

O dia quarto:

1. Não posso tomar por real o que vejo em meus sonhos; tampouco o que vejo em semissono; tampouco o que vejo quando estou desperto, mas devaneando.
2. Posso tomar por real o que vejo desperto e sem devaneios. Isso não se refere ao que registram meus sentidos, mas às atividades de minha mente quando se referem aos “dados” pensados. Porque os dados ingênuos e duvidosos são entregues pelos sentidos externos, também pelos internos e também pela memória. O válido é que minha mente sabe disso quando está desperta e crê nisso quando está adormecida. Raramente, percebo o real de um modo novo e, então, compreendo que aquilo visto normalmente parece-se com o sono ou com o semissono.

Há uma forma real de estar desperto: é a que me tem levado a meditar profundamente sobre o dito até aqui e é, além disso, a que me abriu a porta para descobrir o sentido de todo o existente.

VII. Presença da Força

O dia quinto:

1. Quando estava realmente desperto, ia ascendendo de compreensão em compreensão.
2. Quando estava realmente desperto e me faltava vigor para continuar a ascensão, podia extrair a Força de mim mesmo. Ela estava em todo o meu corpo. Toda a energia estava até nas menores células de meu corpo. Essa energia circulava e era mais veloz e intensa que o sangue.
3. Descobri que a energia concentrava-se em pontos de meu corpo quando estes estavam em atividade e se ausentava quando neles não havia ação.
4. Durante as enfermidades, a energia faltava ou se acumulava exatamente nos pontos afetados. Porém, se conseguia restabelecer sua passagem normal, muitas enfermidades começavam a retroceder.

Alguns povos conheceram isso e agiram no sentido de restabelecer a energia mediante diversos procedimentos hoje estranhos a nós. Alguns povos conheceram isso e atuaram, comunicando essa energia a outros. Então, produziram-se “iluminações” de compreensão e até “milagres” físicos.

VIII. Controle da Força

O dia sexto:

1. Há uma forma de dirigir e concentrar a Força que circula pelo corpo.
2. Há pontos de controle no corpo e deles depende o que conhecemos como movimento, emoção e ideia. Quando a energia atua nesses pontos, produzem-se as manifestações motrizes, emotivas e intelectuais.
3. Conforme a energia atue mais interna ou superficialmente no corpo, surge o sono profundo, o semissono ou o estado de desperto... Com certeza, as auréolas que rodeiam o corpo ou a cabeça dos santos (ou dos grandes despertos) nas pinturas das religiões aludem a esse fenômeno da energia que, em certas ocasiões, manifesta-se mais externamente.
4. Há um ponto de controle do estar-desperto-verdadeiro e há uma forma de levar a Força até ele.
5. Quando se leva a energia a esse lugar, todos os outros pontos de controle movem-se alteradamente.

Ao entender isso e lançar a Força a esse ponto superior, todo o meu corpo sentiu o impacto de uma energia enorme e ela golpeou fortemente minha consciência e ascendi de compreensão em compreensão. Mas também observei que podia descer até as profundezas da mente, se perdesse o controle da energia. Recordei, então, as lendas sobre os “céus” e os “infernos” e vi a linha divisória entre ambos os estados mentais.

IX. Manifestações da Energia

O dia sétimo:

1. Essa energia em movimento podia se “independizar” do corpo, mantendo sua unidade.
2. Essa energia unida era uma espécie de “duplo corpo” que correspondia à representação cenestésica do próprio corpo no interior do espaço de representação. Da existência desse espaço, assim como das representações que correspondiam às sensações internas do corpo, as ciências que tratavam dos fenômenos mentais não davam notícia suficiente.
3. A energia “desdobrada” (ou seja: imaginada como “fora” do corpo ou “separada” de sua base material) dissolvia-se como imagem ou representava-se corretamente, dependendo da unidade interna de quem assim operava.
4. Pude comprovar que a “exteriorização” dessa energia que representava o próprio corpo como “fora” do corpo já se produzia a partir dos níveis mais baixos da mente. Nesses casos, o atentado contra a unidade mais primária da vida provocava essa resposta como salvaguarda do ameaçado. Por isso, no transe de alguns médiuns cujo nível de consciência era baixo e cuja unidade interna estava em perigo, essas respostas eram involuntárias e não reconhecidas como produzidas por eles mesmos, mas atribuídas a outras entidades.

Os “fantasmas” ou “espíritos” de alguns povos ou de alguns adivinhos não eram senão os próprios “duplos” (as próprias representações) daquelas pessoas que se sentiam tomadas por eles. Como seu estado mental estava obscurecido (em transe) por haver perdido o controle da Força, sentiam-se manejadas por seres estranhos, que às vezes produziam fenômenos notáveis. Sem dúvida, muitos “endemoniados” sofreram tais efeitos. O decisivo era, então, o controle da Força.

Isso variava por completo minha concepção tanto da vida corrente quanto da vida posterior à morte. Por meio desses pensamentos e experiências, fui perdendo a fé na morte e, desde então, não creio nela, assim como não creio no sem-sentido da vida.

X. Evidência do Sentido

O dia oitavo:

1. A real importância da vida desperta tornou-se patente para mim.
2. A real importância de destruir as contradições internas convenceu-me.
3. A real importância de manejar a Força, a fim de alcançar unidade e continuidade, encheu-me de um alegre sentido.

XI. O Centro Luminoso

O dia nono:

1. Na Força estava a “luz” que provinha de um “centro”.
2. Na dissolução da energia havia um distanciamento do centro e em sua unificação e evolução um correspondente funcionamento do centro luminoso.

Não me estranhou encontrar em antigos povos a devoção pelo deus Sol e compreendi que, se alguns adoravam o astro porque dava a vida à terra e à natureza, outros perceberam nesse corpo majestoso o símbolo de uma realidade maior.

Houve os que foram ainda mais longe e receberam desse centro incontáveis dons, que algumas vezes “desceram” como línguas de fogo sobre os inspirados, algumas vezes como esferas luminosas e, algumas vezes, como sarças ardentes que se apresentaram ante o temeroso crente.

XII. Os Descobrimientos

O dia décimo:

Poucos, mas importantes, foram meus descobrimientos, que resumo deste modo:

1. A Força circula pelo corpo involuntariamente, mas pode ser orientada por um esforço consciente. A conquista de uma mudança dirigida no nível de consciência brinda o ser humano com um importante sinal de liberação das condições “naturais” que parecem impor-se à consciência.
2. No corpo existem pontos de controle de suas diversas atividades.
3. Há diferenças entre o estado de desperto-verdadeiro e outros níveis de consciência.
4. Pode-se conduzir a Força ao ponto do real despertar (entendendo-se por “Força” a energia mental que acompanha determinadas imagens e por “ponto” a posição de uma imagem em um

“lugar” do espaço de representação).

Essas conclusões fizeram-me reconhecer nas orações dos povos antigos o germe de uma grande verdade que se obscureceu nos rituais e práticas externas, não conseguindo estes desenvolver o trabalho interno que, realizado com perfeição, põe o homem em contato com sua fonte luminosa. Finalmente, percebi que meus “descobrimientos” não eram tais, mas que se deviam à revelação interior à qual chega todo aquele que, sem contradições, busca a luz em seu próprio coração.

XIII. Os Princípios

Distinta é a atitude frente à vida e às coisas quando a revelação interna fere como um raio.

Seguindo os passos lentamente, meditando o dito e o ainda por dizer, podes converter o sem-sentido em sentido. Não é indiferente o que faças com tua vida. Tua vida, submetida a leis, está exposta diante de possibilidades a escolher. Eu não te falo de liberdade, mas de liberação, de movimento, de processo. Não te falo de liberdade como algo quieto, mas de liberar-se passo a passo, como vai-se liberando do necessário caminho percorrido aquele que se aproxima de sua cidade. Então, “o que se deve fazer” não depende de uma moral distante, incompreensível e convencional, mas de leis: leis de vida, de luz, de evolução.

Eis aqui os chamados “Princípios” que podem ajudar na busca da unidade interior:

1. Ir contra a evolução das coisas é ir contra si mesmo.

2. Quando forças algo para um fim, produzes o contrário.
3. Não te oponhas a uma grande força. Retrocede até que ela se debilite; então, avança com resolução.
4. As coisas estão bem quando avançam em conjunto, não isoladamente.
5. Se para ti estão bem o dia e a noite, o verão e o inverno, superaste as contradições.
6. Se persegues o prazer, tu te acorrentas ao sofrimento. Mas, contanto que não prejudiques tua saúde, goza sem inibição quando a oportunidade apresentar-se a ti.
7. Se persegues um fim, tu te acorrentas. Se tudo o que fazes realizas como se fosse um fim em si mesmo, tu te liberas.
8. Farás desaparecerem teus conflitos quando os entenderes em sua última raiz, não quando quiseres resolvê-los.
9. Quando prejudicas os demais, ficas acorrentado. Mas, se não prejudicas outros, podes fazer o quanto queiras com liberdade.
10. Quando tratas os demais como queres que te tratem, tu te liberas.
11. Não importa em que bando os acontecimentos te colocaram. O que importa é que compreendas que não escolheste nenhum bando.
12. Os atos contraditórios ou unitivos acumulam-se em ti. Se repetes os teus atos de unidade interna, já nada poderá deter-te.

Serás como uma força da Natureza que não encontra resistência à sua passagem. Aprende a distinguir aquilo que é dificuldade, problema ou inconveniente daquilo que é contradição. Se aquelas coisas te movem ou te incitam, esta te imobiliza em um círculo fechado.

Quando encontrares uma grande força, alegria e bondade em teu coração ou quando te sentires livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior. Quando te suceder o contrário, pede com fé e aquele agradecimento que acumulaste voltará convertido e ampliado em benefício.

XIV. O Guia do Caminho Interno

Se compreendeste o explicado até aqui, bem podes experimentar, mediante um simples trabalho, a manifestação da Força. Agora vejamos: assumir uma posição mental mais ou menos correta (como se fosse uma disposição para uma atividade técnica) não é o mesmo que assumir um tom e uma abertura emotiva próxima àquela que inspiram os poemas. É por isso que a linguagem usada para transmitir essas verdades tende a facilitar essa postura, que coloca com maior facilidade em presença da percepção interna, e não de uma ideia a respeito da “percepção interna”.

Agora, segue com atenção o que vou explicar-te, já que trata da paisagem interior que podes encontrar ao trabalhar com a Força e das direções que podes imprimir em teus movimentos mentais.

“Pelo caminho interno podes andar obscurecido ou luminoso. Atende às duas vias que se abrem diante de ti.

Se deixas que teu ser se lance a regiões obscuras, teu corpo ganha a batalha e ele domina. Então, brotarão sensações e aparências de espíritos, de forças, de lembranças. Por aí se desce mais e mais. Ali estão o Ódio, a Vingança, a Estranheza, a Possessão, o Ciúme, o Desejo de Permanecer. E, se desces ainda mais, invadir-te-ão a Frustração, o Ressentimento e todos aqueles devaneios e desejos que têm provocado ruína e morte na humanidade.

Mas, se impulsionares teu ser em direção luminosa, encontrarás resistência e fadiga a cada passo. Essa fadiga da ascensão tem seus culpados: tua vida pesa, tuas lembranças pesam, tuas ações anteriores te impedem a ascensão. Essa escalada é difícil, por causa da ação de teu corpo que tende a dominar.

Nos passos da ascensão, encontram-se regiões estranhas de cores puras e de sons não conhecidos.

Não fujas da purificação que atua como fogo e que horroriza com seus fantasmas.

Rechaça o sobressalto e o desalento.

Rechaça o desejo de fugir para regiões baixas e obscuras.

Rechaça o apego às lembranças.

Permanece em liberdade interior, indiferente ao devaneio da paisagem, com resolução na ascensão.

A luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem por entre melodias irreconhecíveis em direção aos planaltos e às campinas cristalinas.

Não temas a pressão da luz que te afasta de seu centro cada vez com mais força. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela certamente está a vida.

Quando, na grande cadeia montanhosa, encontrares a cidade escondida, deverás conhecer a entrada. Porém, isso só saberás no momento em que tua vida for transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão 'sentidas'. Nessa cidade, guarda-se o feito e o que se está por fazer... Mas para teu olho interno é opaco o transparente. Sim, os muros são impenetráveis para ti!

Toma a Força da cidade escondida. Volta ao mundo da vida densa com a tua frente e tuas mãos luminosas."

XV. A Experiência de Paz e a Passagem da Força

1. Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente. Então, imagina uma esfera transparente e luminosa que, descendo até ti, termina por se alojar em teu coração. Reconhecerás nesse momento que a esfera deixa de aparecer como imagem para se transformar em sensação dentro do peito.
2. Observa como a sensação da esfera se expande lentamente de teu coração para fora do corpo, ao mesmo tempo em que tua respiração se torna mais ampla e profunda. Quando essa sensação chegar aos limites do corpo, poderás deter ali toda a operação e registrar a experiência de paz interior. Nela, podes permanecer o tempo que te pareça adequado. Então, faz retroceder essa expansão anterior (chegando, como no começo, ao coração) para se desprender da esfera e concluir o exercício calmo e reconfortado. Esse trabalho se chama "experiência de paz".

3. Entretanto, se quiseres experimentar a passagem da Força, em vez de fazer retroceder a expansão, deverás aumentá-la, deixando que tuas emoções e todo teu ser a sigam. Não coloques tua atenção na respiração. Deixe que ela atue por si só, enquanto segues a expansão fora de teu corpo.
4. Devo repetir isto: tua atenção, em tais momentos, deve estar na sensação da esfera que se expande. Mas, se não podes conseguir isso, convém que te detenhas e tentes em outra oportunidade. De qualquer maneira, se não produzes a passagem, poderás experimentar uma interessante sensação de paz.
5. Se, entretanto, foste mais longe, começarás a experimentar a passagem. De tuas mãos e de outras zonas do corpo chegará a ti um tipo de sensação diferente do habitual. Logo perceberás ondulações progressivas e, em pouco tempo, brotarão com vigor imagens e emoções. Deixe, então, que se produza a passagem...
6. Ao receber a Força, perceberás a luz ou estranhos sons, dependendo de teu modo particular de representação habitual. Em todo caso, o importante será a experimentação da ampliação da consciência – e um de seus indicadores deverá ser uma maior lucidez e disposição para compreender o que ocorre.
7. Quando queiras, podes terminar com esse singular estado (se é que antes não se foi diluindo pelo simples transcorrer), imaginando ou sentindo que a esfera se contrai e logo sai de ti, do mesmo modo que havia chegado ao começar tudo aquilo.
8. É interessante compreender que numerosos estados alterados de consciência têm sido alcançados, quase sempre, colocando-se em andamento mecanismos similares aos descritos – certamente revestidos de estranhos rituais ou, às vezes, reforçados por práticas de esgotamento, desenfreado motriz, repetição e posturas que, em todos os casos, alteram a respiração e distorcem a sensação geral do intracampo. Deves reconhecer nesse campo a hipnose, a mediunidade e também a ação da droga que, atuando por outra via, produz alterações similares. E, certamente, todos os casos mencionados têm como característica o não controle e o desconhecimento do que ocorre. Desconfia de tais manifestações e as considera simples “transes” pelos quais passaram os ignorantes, os experimentadores e ainda os “santos”, segundo contam as lendas.
9. Se trabalhaste observando o recomendado, talvez, no entanto, não tenhas conseguido a passagem. Isso não pode se converter em foco de preocupação, mas em indicador de falta de “soltura” interior, o que poderia refletir muita tensão, problemas na dinâmica de imagem e, em suma, fragmentação no comportamento emotivo... Coisa que, por outro lado, estará presente em tua vida cotidiana.

XVI. Projeção da Força

1. Se experimentaste a passagem da Força, poderás compreender como – baseando-se em fenômenos similares, mas sem nenhuma compreensão – distintos povos colocaram em marcha ritos e cultos que logo se multiplicaram sem cessar. Por meio de experiências do tipo já comentado, muitas pessoas sentiram seus corpos “desdobrados”. A experiência da Força deu-lhes a sensação de que essa energia podia ser projetada para fora de si.
2. A Força foi “projetada” a outros e também a objetos particularmente “aptos” para recebê-la e conservá-la. Creio que não será difícil que tu entendas a função que cumpriram certos sacramentos em distintas religiões e, igualmente, o significado de lugares sagrados e de sacerdotes supostamente

“carregados” com a Força. Quando alguns objetos foram adorados com fé nos templos e cercados de cerimônia e rito, certamente “devolveram” aos crentes a energia acumulada pela oração repetida. É uma limitação do conhecimento sobre a ação humana o fato de que quase sempre essas coisas tenham sido vistas a partir da explicação externa, de acordo com a cultura, espaço, história e tradição, quando a experiência interna básica é um dado essencial para entender tudo isso.

3. Esse “projetar”, “carregar” e “restituir” a Força voltará a ocupar-nos mais adiante. Mas desde já te digo que o próprio mecanismo continua operando, mesmo em sociedades dessacralizadas, onde os líderes e os homens de prestígio estão nimbados de uma representação especial para aqueles que os veem e gostariam até de “tocá-los” ou apoderar-se de um fragmento de suas roupas ou de seus utensílios.

4. Porque toda representação do “alto” vai do olho para cima da linha normal do olhar. E “altas” são as personalidades que “possuem” a bondade, a sabedoria e a força. E no “alto” estão as hierarquias e os poderes e as bandeiras e o Estado. E nós, pobres mortais, devemos “ascender” na escala social e nos aproximarmos do poder a todo custo. Que mal estamos, manejados ainda por esses mecanismos que coincidem com a representação interna, com nossa cabeça no “alto” e nossos pés pregados à terra. Que mal estamos, quando se crê nessas coisas (e se crê porque têm sua “realidade” na representação interna). Que mal estamos, quando nosso olhar externo não é senão projeção ignorada do interno.

XVII. Perda e Repressão da Força

1. As maiores descargas de energia são produzidas por atos descontrolados. Estes são: a imaginação sem freio, a curiosidade sem controle, a conversação desmedida, a sexualidade excessiva e a percepção exagerada (olhar, ouvir, degustar, etc. de maneira excessiva e sem objetivo). Deves, porém, reconhecer também que muitos procedem desse modo porque descarregam suas tensões que, de outro modo, seriam dolorosas. Considerando isso, e vendo a função com que cumprem tais descargas, convirás comigo que não é razoável reprimi-las, mas sim ordená-las.
2. Quanto à sexualidade, debes interpretar corretamente o seguinte: tal função não deve ser reprimida, porque nesse caso cria efeitos mortificantes e contradição interna. A sexualidade orienta-se e se conclui em seu ato, mas não é conveniente que continue afetando a imaginação ou buscando novo objeto de possessão de modo obsessivo.
3. O controle do sexo por uma determinada “moral” social ou religiosa serviu a desígnios que nada tinham a ver com a evolução, senão com o contrário.
4. A Força (a energia da representação da sensação do intracorpo) desdobrou-se em direção ao crepuscular nas sociedades reprimidas e ali se multiplicaram os casos de “endemoniados”, “bruxos”, sacrílegos e criminosos de toda laia, que gozaram com o sofrimento e a destruição da vida e da beleza. Em algumas tribos e civilizações, os criminosos estavam divididos entre os que fizeram justiça e os justicados. Em outros casos, tudo que era ciência e progresso foi perseguido porque se opunha ao irracional, ao crepuscular e ao reprimido.
5. Em certos povos primitivos, ainda existe a repressão do sexo, assim como em outros considerados como “civilização avançada”. É evidente que, tanto nestes quanto naqueles, o signo destrutivo é grande, embora nos dois casos as origens de tal situação sejam distintas.
6. Se me pedes mais explicações, dir-te-ei que o sexo é na realidade santo e o centro a partir do qual se impulsiona a vida e toda a criatividade. Assim como desse centro também se impulsiona toda a destruição, quando seu funcionamento não está resolvido.
7. Jamais acredites nas mentiras dos envenenadores da vida, quando se referem ao sexo como algo desprezível. Ao contrário, nele há beleza e não em vão está relacionado com os melhores sentimentos do amor.
8. Sê cuidadoso, então, e o considera como uma grande maravilha que se deve tratar com delicadeza, sem convertê-lo em fonte de contradição ou desintegração da energia vital.

XVIII. Ação e Reação da Força

Expliquei-te anteriormente: “Quando encontrares uma grande força, alegria e bondade em teu coração ou quando te sentires livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior”.

1. “Agradecer” significa concentrar os estados de ânimo positivos associados a uma imagem, a uma representação. Esse estado positivo assim ligado permite que, em situações desfavoráveis, por evocar uma coisa surja aquela que a acompanhou em momentos anteriores. Como, além disso, essa “carga” mental pode estar elevada por repetições anteriores, ela é capaz de desalojar emoções negativas que determinadas circunstâncias puderam impor.

2. Por tudo isso, do teu interior voltará ampliado em benefício aquilo que pedires, sempre que tenhas acumulado em ti numerosos estados positivos. E já não necessito repetir que esse mecanismo serviu (confusamente) para “carregar fora” objetos ou pessoas, ou ainda entidades internas que se exteriorizaram, acreditando-se que atenderiam a súplicas e pedidos.

XIX. Os Estados Internos

Deves adquirir agora suficiente percepção dos estados internos nos quais podes encontrar-te ao longo de tua vida e, particularmente, ao longo de teu trabalho evolutivo. Não tenho outra maneira de fazer a descrição, senão com imagens (nesse caso, alegorias). Essas, segundo me parece, têm por virtude concentrar “visualmente” estados de ânimo complexos. Por outro lado, a singularidade de encadear tais estados, como se fossem distintos momentos de um mesmo processo, introduz uma variante nas descrições sempre fragmentadas a que nos acostumaram aqueles que se ocupam dessas coisas.

1. O primeiro estado, no qual prevalece o sem-sentido (aquele que mencionamos no começo) será chamado de “vitalidade difusa”. Tudo se orienta pelas necessidades físicas, mas estas são confundidas, amiúde, com desejos e imagens contraditórias. Ali há escuridão nos motivos e nos afazeres. Permanece-se nesse estado vegetando, perdido entre formas variáveis. A partir desse ponto, pode-se evoluir apenas por duas vias: a via da morte ou a da mutação.

2. A via da morte coloca-te em presença de uma paisagem caótica e escura. Os antigos conheceram essa paisagem e quase sempre a localizaram “abaixo da terra” ou nas profundezas abismais. Também alguns visitaram esse reino para depois “ressuscitar” em níveis luminosos. Capta bem isso de que “abaixo” da morte existe a vitalidade difusa. Talvez a mente humana relacione a desintegração mortal com fenômenos posteriores de transformação e, também, talvez associe o movimento difuso com o prévio ao nascimento. Se tua direção é de ascenso, a “morte” significa um rompimento com tua etapa anterior. Pela via da morte ascende-se a outro estado.

3. Chegando a ele, encontra-se o refúgio da regressão. Dali, abrem-se dois caminhos: o do arrependimento e aquele outro que serviu para a ascensão, ou seja, o caminho da morte. Se tomas o primeiro é porque tua decisão tende a romper com tua vida passada. Se regressas pelo caminho da morte, recais nos abismos com essa sensação de círculo fechado.

4. Pois bem, disse-te que havia outro caminho para escapar da vitalidade abismal – esse era o da mutação. Se escolhes essa via é porque queres emergir do teu penoso estado, mas sem estar disposto a abandonar alguns de seus aparentes benefícios. É, pois, um falso caminho conhecido como o da “mão torta”. Muitos monstros saíram das profundezas desse corredor tortuoso. Eles quiseram tomar os céus de assalto sem abandonar os infernos e, assim, projetaram em meio mundo infinita contradição.

5. Suponho que, ascendendo a partir do reino da morte e por teu consciente arrependimento, já chegaste à morada da tendência. Duas delgadas colunas sustentam tua morada: a conservação e a frustração. A conservação é falsa e instável. Caminhando por ela te iludes com a ideia de permanência, mas na realidade desces velozmente. Entretanto, se tomas o caminho da frustração, tua subida é penosa, mas a única-não-falsa.

6. De fracasso em fracasso, podes chegar ao próximo descanso, que se chama “morada do desvio”. Cuidado com as duas vias que tens agora adiante: ou tomas o caminho da resolução, que te leva à geração, ou tomas o do ressentimento, que te faz descer novamente até a regressão. Ali estás plantado frente ao dilema: ou te decides pelo labirinto da vida consciente, e o fazes com resolução, ou regressas ressentido à tua vida anterior. São muitos os que, não conseguindo superar-se, cortam ali suas possibilidades.

7. Mas tu, que ascendeste com resolução, encontra-te agora na pousada conhecida como “geração”. Ali tens três portas: uma se chama “Queda”, a outra “Tentativa” e a terceira, “Degradação”. A

“Queda” leva diretamente às profundezas e só um acidente externo poderia empurrar-te em direção a ela. É difícil que escolhas essa porta. Já a da “Degradação” leva-te indiretamente aos abismos, desandando caminhos, em uma espécie de espiral turbulenta, em que reconsideras continuamente todo o perdido e todo o sacrificado. Esse exame de consciência que leva à Degradação é, certamente, um falso exame no qual subestimás e desproporcionas algumas coisas que comparas. Tu comparas o esforço da ascensão com aqueles “benefícios” que abandonaste. Mas, se olhas as coisas mais de perto, verás que não abandonaste nada por este motivo, mas por outros. A “Degradação” começa, portanto, falseando os motivos que, ao que parece, foram alheios à ascensão. Eu pergunto agora: o que atraiçoa a mente? Por acaso os falsos motivos de um entusiasmo inicial? Por acaso a dificuldade da empreitada? Por acaso a falsa recordação de sacrifícios que não existiram ou que foram impulsionados por outros motivos? Eu te digo e te pergunto agora: tua casa incendiou-se faz tempo. Por isso decidiste pela ascensão. Ou pensas agora que por ascenderes é que ela se incendiou? Por acaso olhaste um pouco o que aconteceu com outras casas dos arredores?... Não há dúvida que deves escolher a porta do meio.

8. Sobe pela escada da Tentativa e chegarás a uma cúpula instável. Dali, deslocar-te-ás por um corredor estreito e sinuoso que conhecerás como a “volubilidade”, até chegar a um espaço amplo e vazio (como uma plataforma) que tem como nome: “espaço-aberto-da-energia”.

9. Nesse espaço, podes espantar-te com a paisagem deserta e imensa e com o aterrador silêncio dessa noite transfigurada por enormes estrelas imóveis. Ali, exatamente sobre tua cabeça, verás cravada no firmamento a insinuante forma da Lua Negra, uma estranha lua eclipsada que se opõe exatamente ao sol. Ali deves esperar a alvorada, paciente e com fé, pois nada de mal pode ocorrer se te manténs calmo.

10. Talvez em tal situação quisesses conseguir uma saída imediata dali. Se isso acontece, poderias, às apalpadelas, encaminhar-te para qualquer lugar a fim de não esperar o dia prudentemente. Deves recordar que todo movimento ali (na escuridão) é falso e genericamente chamado de “improvisação”. Se, esquecendo-te do que agora menciono, começares a improvisar movimentos, tem a certeza de que serás arrastado por um turbilhão entre caminhos e moradas até o fundo mais escuro da dissolução.

11. Quão difícil é compreender que os estados in-ternos estão encadeados uns aos outros! Se visses que lógica inflexível tem a consciência, perceberias que, na situação descrita, quem improvisa às escuras fatalmente começa a degradar e a degradar-se; surgem nele depois os sentimentos de frustração e vai caindo a seguir no ressentimento e na morte, sobrevivendo o esquecimento de tudo o que algum dia chegou a perceber.

12. Se na esplanada consegues alcançar o dia, surgirá diante de teus olhos o radiante Sol que há de iluminar-te pela primeira vez a realidade. Então verás que em todo o existente vive um Plano.

13. É difícil que caias dali, salvo que voluntariamente queiras descer até regiões mais escuras para levar a luz às trevas.

Não convém desenvolver mais esses temas, porque sem experiência enganam, transportando ao campo do imaginário o que é realizável. Que sirva o que foi dito até aqui. Se o que foi explicado não te fosse útil, o que poderias objetar, já que nada tem fundamento e razão para o ceticismo, próximo à imagem de um espelho, ao som de um eco, à sombra de uma sombra.

XX. A Realidade Interior

1. Repara em minhas considerações. Nelas não haverás de intuir senão alegóricos fenômenos e paisagens do mundo externo. Mas nelas há também descrições reais do mundo mental.
2. Tampouco deves crer que os “lugares” por onde passas em teu andar tenham algum tipo de existência independente. Semelhante confusão muitas vezes obscureceu ensinamentos profundos e assim, até hoje, alguns creem que céus, infernos, anjos, demônios, monstros, castelos encantados, cidades remotas e outras coisas têm uma realidade visível para os “iluminados”. O mesmo preconceito, mas com interpretação inversa, tornaram presa os céticos sem sabedoria, que tomaram essas coisas por simples ilusões ou alucinações padecidas por mentes febris.
3. Devo repetir, então, que deves compreender que tudo isso trata de verdadeiros estados mentais, embora simbolizados com objetos próprios do mundo externo.
4. Leva em consideração o que foi dito e aprende a descobrir a verdade por trás das alegorias, que por vezes desviam a mente, mas que traduzem realidades impossíveis de captar sem representação.

Quando se falou das cidades dos deuses, aonde quiseram chegar diversos heróis de diferentes povos; quando se falou de paraísos, em que deuses e homens conviviam em original natureza transfigurada; quando se falou de quedas e dilúvios, foi dita uma grande verdade interior.

Depois os redentores trouxeram suas mensagens e chegaram a nós em dupla natureza para restabelecer aquela nostálgica unidade perdida. Também, então, foi dita uma grande verdade interior.

No entanto, quando tudo aquilo foi dito colocando-se fora da mente, errou-se ou se mentiu.

Inversamente, o mundo externo confundido com o olhar interior obriga este a recorrer novos caminhos.

Assim, hoje voa em direção às estrelas o herói desta idade. Voa através de regiões antes ignoradas. Voa para fora de seu mundo e, sem saber, vai impulsionado para o centro interno e luminoso.

A Experiência

Ofício

Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas.

Oficiante: Minha mente está inquieta.

Conjunto: Minha mente está inquieta.

Oficiante: Meu coração, sobressaltado.

Conjunto: Meu coração, sobressaltado.

Oficiante: Meu corpo, tenso.

Conjunto: Meu corpo, tenso.

Oficiante: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Conjunto: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Se possível, os participantes devem estar sentados. O Auxiliar se levanta e cita um Princípio ou pensamento de “O Olhar Interior” de acordo com as circunstâncias, convidando a meditar sobre ele. Passados alguns minutos, o Oficiante de pé lê lentamente as seguintes frases, detendo-se em cada uma delas.

Oficiante: Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente...

Então, imagina uma esfera transparente e luminosa que, descendo até ti, termina por alojar-se em teu coração...

Reconhecerás que a esfera começa a se transformar em uma sensação expansiva dentro de teu peito...

A sensação da esfera se expande de teu coração para fora do corpo, ao mesmo tempo em que amplias tua respiração...

Em tuas mãos e no resto do corpo terás novas sensações...

Perceberás ondulações progressivas e brotarão emoções e lembranças positivas...

Deixa que se produza a passagem da Força livremente. Essa Força que dá energia a teu corpo e mente...

Deixa que a Força se manifeste em ti...

Tenta ver sua luz dentro de teus olhos e não impeças que ela atue por si própria...

Sente a Força e sua luminosidade interna...

Deixa que se manifeste livremente...

Auxiliar: Com esta Força que recebemos, concentremos a mente no cumprimento daquilo que necessitamos realmente...

Convida-se todos a ficarem de pé para que efetuem o Pedido.

Deixa-se transcorrer algum tempo.

Oficiante: Paz, Força e Alegria!

Conjunto: Também para você, Paz, Força e Alegria.

Imposição

Realiza-se a pedido de uma ou várias pessoas. Oficiante e Auxiliar estão de pé.

Oficiante: Minha mente está inquieta.

Conjunto: Minha mente está inquieta.

Oficiante: Meu coração, sobressaltado.

Conjunto: Meu coração, sobressaltado.

Oficiante: Meu corpo, tenso.

Conjunto: Meu corpo, tenso.

Oficiante: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Conjunto: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Oficiante e Auxiliar sentam-se, deixando transcorrer algum tempo. O Oficiante se levanta.

Oficiante: Se queres receber a Força, deves compreender que no momento da Imposição começarás a experimentar novas sensações. Perceberás ondulações progressivas e brotarão emoções e lembranças positivas. Quando isso acontecer, deixe que se produza a passagem da Força livremente...

Deixa que a Força se manifeste em ti e não impeças que ela atue por si própria...

Sente a Força e sua luminosidade interna...

Deixa que se manifeste livremente...

Passado algum tempo, o Auxiliar fica de pé.

Auxiliar: Quem deseja receber a Força, pode ficar de pé.

O Auxiliar convida, de acordo com o número de participantes, a permanecerem de pé ao lado dos assentos ou a formar um círculo ao redor do Oficiante. Passado um momento, o Oficiante começa a Imposição. O Auxiliar, se for o caso, facilita os deslocamentos dos participantes e, ocasionalmente, acompanha alguns até seus assentos. Terminada a Imposição, dá-se um tempo para assimilação da experiência.

Auxiliar: Com esta Força que recebemos, concentremos a mente no cumprimento daquilo que necessitamos realmente, ou concentremos a mente naquilo que alguém muito querido necessita realmente.

Convida-se todos a ficarem de pé para que efetuem silenciosamente seus pedidos. Em algumas ocasiões, algum dos participantes formula um Pedido para alguém presente ou ausente.

Transcorre algum tempo.

Oficiante: Paz, Força e Alegria!

Conjunto: Também para você, Paz, Força e Alegria.

Bem-estar

Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas. Os participantes, se possível, devem estar sentados. Oficiante e Auxiliar de pé.

Auxiliar: Aqui estamos reunidos para recordar nossos seres queridos. Alguns deles têm dificuldades em sua vida afetiva, em sua vida de relação ou em sua saúde. Para eles dirigimos nossos pensamentos e nossos melhores desejos.

Oficiante: Confiamos em que chegue até eles nosso pedido de bem-estar. Pensamos em nossos seres queridos; sentimos a presença de nossos seres queridos e experimentamos o contato com nossos seres queridos.

Auxiliar: Tomaremos um pequeno tempo para meditar sobre as dificuldades que essas pessoas padecem...

Dá-se alguns minutos para que os participantes possam meditar .

Oficiante: Queremos agora que aquelas pessoas possam sentir nossos melhores desejos. Uma onda de alívio e bem-estar deve chegar até elas...

Auxiliar: Tomaremos um pequeno tempo para localizar mentalmente a situação de bem-estar que desejamos para nossos seres queridos.

Dá-se alguns minutos para que os participantes possam concentrar sua mente.

Oficiante: Concluiremos esta cerimônia dando a oportunidade, àqueles que assim desejem, de sentirem a presença daqueles seres muito queridos que, ainda que não estejam aqui em nosso tempo

e nosso espaço, relacionam-se conosco na experiência do amor, da paz e da cálida alegria...

Dá-se um pequeno tempo.

Oficiante: Isto foi bom para outros, reconfortante para nós e inspirador para nossas vidas. Saudamos a todos, imersos nesta corrente de bem-estar, reforçada pelos bons desejos dos aqui presentes.

Proteção

Cerimônia de participação individual ou coletiva. Todos de pé. Oficiante e Auxiliar frente às crianças e estas, rodeadas pelos participantes.

Auxiliar: Esta cerimônia tem por objetivo dar participação às crianças em nossa comunidade.

Desde antigamente, as crianças têm sido objeto de cerimônias, tais como batismos, imposições de nome, etc. Através delas, há um reconhecimento de mudança de situação, de mudança de etapa do ser humano.

Existiram e existem certas formalidades civis, mediante as quais se faz constar o nascimento, o lugar em que ocorreu, etc. Mas a transcendência espiritual que acompanha uma cerimônia desse tipo nada tem a ver com a frieza das circunstâncias escritas. Ela está ligada ao júbilo dos pais e da comunidade, ao serem apresentadas as crianças publicamente.

Esta é uma cerimônia mediante a qual o estado das crianças muda, ao transformarem-se em participantes de uma comunidade que se compromete a se responsabilizar por elas, caso circunstâncias desafortunadas as deixem desamparadas.

Nesta cerimônia, pede-se proteção para as crianças e a comunidade as acolhe como novos filhos.

Passado algum tempo, o Oficiante dirige-se amavelmente aos presentes.

Oficiante: Pedimos proteção para estas crianças.

Auxiliar: Acolhemo-las com júbilo e nos comprometemos a lhes dar proteção.

Oficiante: Elevemos agora nossos melhores desejos... Paz e alegria para todos!

Impõe-se amavelmente uma mão sobre a cabeça de cada criança e se beija cada uma na testa.

Matrimônio

Todos de pé. Um ou vários casais. Oficiante e Auxiliar de frente para os casais.

Auxiliar: Desde tempos remotos, os casamentos têm sido cerimônias de mudança de estado das pessoas.

Quando alguém termina ou inicia uma nova etapa da vida, costuma acompanhar essa situação com determinado ritual. Nossa vida pessoal e social está ligada a rituais mais ou menos aceitos pelos costumes. Fazemos nossas saudações pela manhã, distintas das saudações da noite; damos a mão a um conhecido; festejamos um aniversário, uma formatura ou uma mudança de trabalho. Nossos esportes são acompanhados de ritual e nossas cerimônias religiosas, partidárias e cívicas nos colocam na situação adequada, conforme a ocasião.

O matrimônio é uma mudança importante no estado das pessoas e, em todas as nações, tal fato exige certas formalidades legais. Ou seja, a relação conjugal coloca os consortes em uma nova situação em relação à comunidade e ao Estado. Mas quando um casal estabelece vínculos conjugais, faz isso pensando em um novo estilo de vida, faz isso com sentimento profundo, e não com espírito formal.

Há, portanto, nesta cerimônia de mudança de estado, a intenção de estabelecer um vínculo novo e, se possível, duradouro com outra pessoa. Há o desejo de receber do outro o melhor e dar ao outro o melhor. Há a intenção de levar o vínculo mais longe, trazendo ao mundo ou adotando crianças.

Vendo assim o casamento, damos importância à legalidade do vínculo, mas quanto ao sentido espiritual e emocional, dizemos que somente os cônjuges dão significado a esta cerimônia.

Em outras palavras, esta cerimônia coloca dois seres humanos em situação de empreender uma vida nova e é nesta cerimônia que eles realizam essa profunda união de acordo com seu próprio sentir.

Nós não os casamos – eles é que se casam diante de nossa comunidade.

Oficiante: E para que esta cerimônia seja própria e verdadeira, perguntamos (*dirigindo-se a um membro do casal*): O que é para você este matrimônio?

Quem é demandado explica em voz alta...

Oficiante (*dirigindo-se ao outro membro*): O que é para você este matrimônio?

Quem é demandado explica em voz alta...

Oficiante: Consequentemente, este matrimônio será de acordo aos desejos expressados e às intenções mais profundas.

Saúda-se afetuosamente o(s) casal/casais.

Assistência

Esta é uma cerimônia de muito afeto e exige que quem a realize dê o melhor de si.

A cerimônia pode ser repetida a pedido do interessado ou daqueles que cuidam dele.

O Oficiante a sós com o moribundo.

Qualquer que seja o aparente estado de lucidez ou inconsciência do moribundo, o Oficiante se aproxima dele, falando com voz suave, clara e pausada.

Oficiante: As recordações de tua vida são o juízo de tuas ações. Podes, em pouco tempo, recordar muito do melhor que há em ti. Recorda, então, mas sem sobressalto e purifica tua memória. Recorda suavemente e tranquiliza tua mente...

Faz-se silêncio por alguns minutos, retomando depois a palavra com o mesmo tom e intensidade.

Rechaça agora o sobressalto e o desalento...

Rechaça agora o desejo de fugir para regiões obscuras...

Rechaça agora o apego às lembranças...

Permaneça agora em liberdade interior, indiferente ao devaneio da paisagem...

.....

Toma agora a resolução da ascensão...

A Luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem entre melodias irreconhecíveis em direção a planaltos e pradarias cristalinas...

Não temas a pressão da Luz que te afasta de seu centro cada vez mais fortemente. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela, certamente, está a vida...

Quando na grande cadeia montanhosa encontrares a cidade escondida, deverás conhecer a entrada. Mas isso saberás no momento em que tua vida for transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão “sentidas”. Nesta cidade, guarda-se o feito e o por fazer...

Faz-se um breve silêncio, retomando logo a palavra com o mesmo tom e intensidade.

Estás reconciliado...

Estás purificado...

Prepara-te para entrar na mais formosa Cidade da Luz, nesta cidade jamais percebida pelo olho, nunca escutada em seu canto pelo ouvido humano...

Vem, prepara-te para entrar na mais formosa Luz...

Morte

Oficiante: A vida cessou neste corpo. Devemos fazer um esforço para separar em nossa mente a imagem deste corpo e a imagem de quem agora recordamos...

Este corpo não nos escuta, este corpo não é quem nós recordamos.

Aquele que não sente a presença de outra vida separada do corpo considere que, mesmo que a morte tenha paralisado o corpo, as ações realizadas continuam atuando e sua influência não se deterá jamais. Essa cadeia de ações desatadas em vida não pode ser detida pela morte. Que profunda é a meditação em torno dessa verdade, mesmo que não se compreenda totalmente a transformação de uma ação em outra!

E aquele que sente a presença de outra vida separada, considere igualmente que a morte paralisou apenas o corpo; que a mente mais uma vez se liberou triunfalmente e abre passagem para a Luz...

Seja qual for nosso parecer, não choremos os corpos. Meditemos na raiz de nossas crenças e uma suave e silenciosa alegria chegará até nós...

Paz no coração, luz no entendimento!

Reconhecimento

O Reconhecimento é uma cerimônia de inclusão na comunidade. Inclusão por experiências comuns, por ideais, atitudes e procedimentos compartilhados.

Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas e logo depois de um Ofício. Aqueles que participarão devem contar com o texto escrito.

Oficiante e Auxiliar de pé.

Auxiliar: A realização desta cerimônia foi pedida por aquelas pessoas que desejam incluir-se ativamente em nossa comunidade. Aqui se expressará um compromisso pessoal e conjunto para trabalhar pela melhoria da vida de cada um e pela melhoria da vida de nosso próximo.

O auxiliar convida àqueles que desejam dar testemunho a ficarem de pé.

Oficiante: A dor e o sofrimento que nós, seres humanos, experimentamos retrocederão se avançar o bom conhecimento, não o conhecimento a serviço do egoísmo e da opressão.

O bom conhecimento leva à justiça.

O bom conhecimento leva à reconciliação.

O bom conhecimento leva, também, a decifrar o sagrado na profundidade da consciência.

Auxiliar (e conjunto daqueles que testemunham, lendo):

Consideramos o ser humano como máximo valor acima do dinheiro, do Estado, da religião, dos modelos e dos sistemas sociais.

Incentivamos a liberdade de pensamento.

Propiciamos a igualdade de direitos e a igualdade de oportunidades para todos os seres humanos.

Reconhecemos e alentamos a diversidade de costumes e culturas.

Opomo-nos a toda discriminação.

Consagramos a resistência justa contra toda forma de violência física, econômica, racial, religiosa, sexual, psicológica e moral.

Oficiante: Por outro lado, assim como ninguém tem direito de discriminar outros por sua religião ou sua irreligiosidade, reivindicamos para nós o direito de proclamar nossa espiritualidade e crença na imortalidade e no sagrado.

Nossa espiritualidade não é a espiritualidade da superstição, não é a espiritualidade da intolerância, não é a espiritualidade do dogma, não é a espiritualidade da violência religiosa; é a espiritualidade que tem despertado de seu profundo sono para nutrir os seres humanos em suas melhores aspirações.

Auxiliar *(e conjunto daqueles que testemunham, lendo):*

Queremos dar coerência a nossas vidas, fazendo coincidir o que pensamos, sentimos e fazemos.

Desejamos superar a má consciência, reconhecendo nossos fracassos.

Aspiramos a persuadir e a reconciliar.

Propomo-nos dar cumprimento crescente a essa regra que nos lembra de “tratar os demais como queremos ser tratados”.

Oficiante: Começaremos uma vida nova.

Buscaremos em nosso interior os signos do sagrado e levaremos a outros nossa mensagem.

Auxiliar *(e conjunto daqueles que testemunham, lendo):*

Hoje começaremos a renovação de nossa vida. Começaremos buscando a paz mental e a Força que nos dê alegria e convicção. Depois, iremos até as pessoas mais próximas para compartilhar com elas todo o grande e bom que nos tem acontecido.

Oficiante: Para todos Paz, Força e Alegria.

Auxiliar *(e todos os presentes):* Também para você, Paz, Força e Alegria.

O Caminho

Se acreditas que tua vida termina com a morte, o que pensas, sentes e fazes não tem sentido. Tudo termina na incoerência, na desintegração.

Se acreditas que tua vida não termina com a morte, deve coincidir o que pensas com o que sentes e com o que fazes. Tudo deve avançar para a coerência, para a unidade.

Se és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, toda ajuda que peças não encontrará justificativa.

Se não és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, deves fazer com que coincida o que sentes com o que pensas e fazes para ajudar os outros.

Aprende a tratar os demais do modo que queres ser tratado.

Aprende a superar a dor e o sofrimento em ti, em teu próximo e na sociedade humana.

Aprende a resistir à violência que há em ti e fora de ti.

Aprende a reconhecer os signos do Sagrado em ti e fora de ti.

Não deixes passar tua vida sem te perguntar:

“Quem sou?”

Não deixes passar tua vida sem te perguntar:

“Para onde vou?”

Não deixes passar um dia sem te responder quem és.

Não deixes passar um dia sem te responder para onde vais.

Não deixes passar uma grande alegria sem agradecer em teu interior.

Não deixes passar uma grande tristeza sem reivindicar em teu interior aquela alegria que ficou guardada.

Não imagines que estás só em teu povoado, em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos.

Não imagines que estás encadeado a este tempo e a este espaço.

Não imagines que em tua morte se eterniza a solidão.

Índice

| | |
|--|-----------|
| O Livro | 4 |
| I. A Meditação..... | 5 |
| II. Disposição para Compreender | 6 |
| III. O Sem-sentido..... | 7 |
| IV. A Dependência | 8 |
| V. Suspeita do Sentido | 9 |
| VI. Sono e Despertar | 10 |
| VII. Presença da Força | 11 |
| VIII. Controle da Força | 12 |
| IX. Manifestações da Energia | 13 |
| X. Evidência do Sentido | 14 |
| XI. O Centro Luminoso | 15 |
| XII. Os Descobrimentos | 16 |
| XIII. Os Princípios | 17 |
| XIV. O Guia do Caminho Interno..... | 18 |
| XV. A Experiência de Paz e a Passagem da Força | 19 |
| XVI. Projeção da Força..... | 20 |
| XVII. Perda e Repressão da Força | 21 |
| XVIII. Ação e Reação da Força | 22 |
| XIX. Os Estados Internos | 23 |
| XX. A Realidade Interior | 25 |
| | |
| A Experiência | 26 |
| Ofício | 27 |
| Imposição | 29 |
| Bem-estar | 30 |
| Proteção | 31 |
| Matrimônio | 32 |
| Assistência | 33 |
| Morte | 34 |
| Reconhecimento | 35 |
| | |
| O Caminho | 37 |